

PATERNIDADE E PSICANÁLISE EM PORTUGAL¹⁸

José Martinho¹⁹



Encontrei esta fotografia, com o título «de pequenino é que se torce o pepino», no «blog» do Miguel Carmona da Mota, o amigo de Coimbra a quem devemos também o nome da revista *Afreudite*. Começo por vo-la mostrar porque se costuma afirmar que «uma imagem diz mais do que mil palavras».

Suponhamos que a foto diz efectivamente mais do que mil palavras sobre a importância do pai em Portugal. Onde está o pai? O mais óbvio é dizer que ele não se encontra na fotografia.

O que pensam os psicanalistas portugueses sobre o assunto? Dois membros eminentes e um candidato da Sociedade Portuguesa de Psicanálise cujos livros comentei no meu Seminário deste ano, afirmaram, respectivamente, que há uma «ausência do pai» em Portugal. A Presidente do Centro Português de Psicanálise perfilha a mesma tese.

É uma tese que pode ser defendida pela história e a sociologia, bem como pela psicologia social e até a psicanálise que se deixa prender no enredo do «romance familiar».

¹⁸ Esta Conferência e as duas que se seguem foram proferidas nas Jornadas de Psicanálise sobre «A Paternidade em Risco», realizadas no Sábado 3 de Junho 2006 no Auditório Victor de Sá, na ULHT.

¹⁹ Membro da Associação Mundial de Psicanálise, Presidente da Antena do Campo Freudiano e Professor Catedrático do Departamento de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Sem dúvida que este romance existe como «mito individual» do neurótico moderno, mas Lacan esforçou-se para que a psicanálise fosse além do mito. Para tal, começou por distinguir o «Simbólico», o «Imaginário» e o «Real» como dimensões onde se tece o «ser» humano; em seguida realçou a importância do «discurso» do Outro na enunciação do desejo e na constituição do laço social próprio a esse «ser»; e finalmente centrou-se no pedaço de «gozo» que cada um tira dos nós que tecem a sua existência.

Voltemos à fotografia. O que eu disse cativou-vos certamente ao ponto de vos fazer acreditar em algo que a foto não diz, a saber, que a mulher e o miúdo são mãe e filho. Podem até sê-lo, mas apenas vemos que se voltam – ela com um espanto algo desagradado, ele com um sorriso largo e desdentado – para o fotógrafo. Será este terceiro o pai ou apenas o olhar anónimo que os surpreendeu?

O olhar como tal está para além do pai, da mãe e da criança. Digamos que é ele que leva ao enquadramento da perspectiva ou do ponto de vista escolhido. Convém, pois, que fique na fotografia.

Mudemos o ângulo de visão: mais do que um retrato de família, esta fotografia identifica um país, essa «coisa» cujo nome está escrito em maiúsculas e com todas as letras na testa do rapaz: PORTUGAL.

Trata-se do Portugal de hoje, aquele que se animou durante o Euro 2004 e une agora as hostes para o Mundial de 2006.

O presente tem forçosamente um vínculo com o passado: o número crescente de vendas de bandeiras nacionais durante estas manifestações desportivas prova que Portugal continua a ser representado pelo estandarte da pátria que envolve a mulher e o rapaz como um manto de São Martinho.

A bandeira é mais do que uma imagem: é um símbolo, como o nome, mas de pior qualidade, pois é normal que os significantes da língua que os portugueses falam simbolizem melhor que um simples pedaço de pano o que se passa em Portugal.

«Pai» é um nome e é também uma palavra. Dela derivam outras palavras como «pátria» e «país». Esta deriva indica que chamamos «pai» a muitas outras coisas que não o nosso próprio genitor.

Dizemos que Freud foi o «pai» da psicanálise, querendo com isso dizer que não foi apenas um homem que reconheceu as suas filhas e filhos. Mesmo naturais, estes necessitavam de ser legitimados.

O reconhecimento da progenitura é fundamental na função do pai, pois de outro modo a criança seria abandonada por ele e tudo o que ele representa e depende dele. Estudei há alguns anos o que se passou com Jean-Jacques Rousseau, que dizia gostar muito de crianças, mas que abandonou os seus sete filhos. O que se passou é que ele era paranóico. Não se pode verdadeiramente ser pai quando se é psicótico.

Porém, a função paterna não se reduz ao não abandono ou assumpção por reconhecimento legítimo; ela é uma metáfora, a nomeação do que por natureza não tem nome. Esta nomeação parece não ser nada, mas pode salvar o ser humano da loucura fundamental que o habita.

O sentido e o valor atribuídos tradicionalmente ao pai referiam-se ao nome de que era o portador, mas também à possibilidade de nomeação. Pai era finalmente quem dava nome. Havia o Nome do pai e aquele que, graças à nomeação, inscrevia a larva humana que se individua e endivida simbolicamente numa genealogia.

Os portugueses sabem isto muito bem, pois mesmo quando o seu pai se vai embora, eles guardam o patronímico junto do seu nome próprio. Este simboliza, então, a presença simbólica do pai ao nível do nome completo que identifica o sujeito, o mesmo que encontramos no chamado «Bilhete de Identidade».

A nomeação em geral supõe a linguagem e implica a introdução da inominável e depois nomeada «coisa» na ordem binária das oposições significantes constituintes da cultura.

A fotografia não foca nada do que acabo de dizer. Ela não fala e, também por esta razão, somos obrigados a concluir que as palavras dizem efectivamente mais do que a imagem. Na verdade, deixamo-nos embalar, estamos cada vez mais fascinados pelas imagens, perdendo a noção do que elas contêm de ilusão.

A permanência do patronímico no nome completo ajuda igualmente a entender o seguinte: que existe sempre um hiato entre o pai simbólico, que Lacan chama «Nome-do-Pai», e o pai real, que é aquele que nomeia. Mas também, não esqueçamos, o homem em carne e osso que goza sexualmente da mãe e lhe faz os filhos. É entre o pai simbólico e o pai real que se situa o pai imaginário.

Fala-se agora da crise da função paternal, mas esta crise é permanente, pois está ligada à referida clivagem entre (pai) simbólico e

real. Assim sendo, é sobretudo na dimensão imaginária que se deve situar as transformações histórico-culturais das figuras da paternidade em geral e mais especificamente da paternidade em Portugal.

Uma questão suplementar, mas não de somenos importância: o que acontece quando o pai real se ausenta? Ou há, ou não há, quem exerça realmente a sua função simbólica, como dissemos, a sua função de nomear, separar e assim criar a igualdade dos diferentes filhos perante a lei.

Quando o pai real se ausenta, a mãe pode desejar manter a função simbólica deste, por exemplo, referindo-se ao pai quando fala aos filhos. Mas pode também acontecer que, devido a alguma infelicidade, a mãe não queira falar do pai, nem que se fale dele, gerando, então, um traço de silêncio repetitivo que pode conduzir do pai ao pior.

Isto para a função simbólica do pai real. Mas a função do pai real não é apenas de nomear, mas também de fazer a mãe feliz. Ora, a mãe pode sentir-se infeliz e, para gozar, querer um outro homem, se o seu já não lhe convém. O problema não só para a mãe e as mulheres é que, mesmo se o desejo procura o gozo, mantêm-se insatisfeito. O interdito e o impossível são estruturais, não dependem apenas do pai ou do homem.

O que podemos dizer a propósito do actual debate sobre «A paternidade em crise» é que confunde muitas vezes as três dimensões – Simbólico, Imaginário e Real – que Lacan teve o cuidado de distinguir.

Desde há muito que se fala de um «declínio» do poder paterno. O regicídio da Revolução Francesa pode fornecer uma data histórica para o início do movimento moderno da revolta popular contra o «pai».

O massacre geral das duas grandes Guerras²⁰ e as conquistas políticas dos marxistas prolongaram este mesmo movimento até à queda do muro de Berlim. A partir daí começou a contar-se a anedota: «Jesus está morto, Marx também, e eu já não me sinto lá muito bem».

Os filhos que desejavam matar o pai – como Freud explicou através do «complexo de Édipo» – começaram a sentir-se mal e, desde logo, quiseram salvar o pai do dilúvio: é este o ponto em que devemos situar as fantasias (religiosas, políticas, etc.) de retorno ao pai.

O Deus que está morto (Nietzsche), ou o pai que foi há muito assassinado, como dizia Freud em *Totem e Tabu*, são quase sempre encarados

²⁰ Jean-Claude Milner falou recentemente do que se passou *Depois do Massacre* da 1ª Guerra Mundial, a propósito das *Seis personagens em busca de autor* de Pirandello. Do mesmo modo que estas não encontram um autor, o homem deixou de encontrar a protecção de um Pai.

como figuras do pai imaginário. Uma figura infinitamente boa, a de Deus, e uma figura infinitamente má, a do déspota que reinava na Horda primitiva.

Mas, para além do Simbólico e do Imaginário, o problema com que temos de nos haver hoje é o do pai Real.

O Real do pai não é o real da ciência, nomeadamente o da «consistência lógica». Referia-me há pouco ao pai real como aquele que goza com consentimento sexual ou não da mãe porque o Real em questão é o gozo.

Como abordar «Isso»? A melhor via é a do discurso e seus efeitos sintomáticos.

Qual é o discurso que domina hoje Portugal? Começemos por dizer que este discurso não domina apenas Portugal.

O antigo discurso do Poder atribuía ao pai a função de chefe da família e, por metáfora religiosa, educativa e política, de criador, mestre e governante. Mas com o desenvolvimento do liberalismo e o progresso tecnocientífico, o ideal americano do «self made man» começou a dominar o mundo.

Este é uma criação do «discurso do capitalista» e do «discurso da ciência», que são os discursos que dominam efectivamente o mundo na sua globalidade, juntamente, oh surpresa, com o «discurso do analista».

Tal acontece porque a psicanálise foi a dada altura adoptada pelo pensamento da suspeita, o qual acreditava que, por detrás do que vemos, há o que está oculto.

A procura do que se escondia levou a que se ouvisse dizer «o rei vai nu». Já não se trata aqui de matar o rei, mas de dizer que ele está nu. A consequência é que todos acabaram por ver o que não queriam.

Depois do manto de Noé cair, o pai da sacrossanta família revelou a sua nudez de «homem sem qualidades» (Musil), homem como qualquer outro.

Desabrocharam desde logo as flores do mal: por debaixo do bom pai, apareceu a perversão do pai.

Isto não significa apenas que todos os pais são perversos, mesmo se a comunicação social tem falado ultimamente muito do assunto, a propósito dos casos de pedofilia, de violência doméstica sobre as crianças e as mulheres, etc.

O que queria salientar é um aspecto menos mediático: descobriu-se que o pai não é uno e idêntico a si mesmo, como no monoteísmo. A verdade verdadeira é que existem várias versões do pai («père-versions», escreve Lacan), pois, como homens que são, cada um goza à sua maneira.

Esta verdade variada e variável implica como conceito a multiplicação do Nome-do-Pai; e como resultado os nomes do pai, no plural, logo, das funções paternas.

Entre os «nomes do pai», aqueles que encontramos como exemplos privilegiados são a «mulher» e o «sintoma».

Antes, era óbvio que o pai não era a mãe, não tinha a sua anatomia, não desempenhava a mesma função na família e na sociedade, nem amava da mesma maneira. Mas agora a sociedade pede cada vez mais aos homens que desempenham papéis tradicionalmente femininos, como o de cuidar do lar e das crianças.

O pai é um homem que como tal deve ser cada vez mais feminino, por exemplo, deve saber tratar melhor da sua aparência. O nome que se está a usar agora para isso é «metrosexual». Para quem não saiba, não significa sexo no metro, mas a nova face do género nas metrópoles. Ao que parece, os homens das grandes cidades têm que cuidar muito mais de si, da sua pele, do seu corpo, etc. Talvez também por isso eu receba todos os dias anúncios na Net para alongar o meu pénis e ter erecções prolongadas. No entanto, a tendência devia ser para cortar o dito cujo e fabricar, com o que sobra, uma vagina: é o que fazem certos transsexuais.

Há quem pense que tudo isto só pode gerar a confusão dos sexos, a falta de limites e a consequente dissolução dos direitos e deveres dos pais; ou, ainda, que não é por acaso que seja neste século sem Deus nem Pai que surjam novos sintomas como o «stress» e a «depressão».

Este pensamento conduz facilmente a uma procura dos velhos deuses, logo, a um regresso do eterno religioso, com tudo o que este pode conter de passadista e até de terrorista.

O que é que a psicanálise constata? Que a variedade da função pode levar também o pai a dar colo e a maternar; e que a mãe é hoje uma mulher que estuda, trabalha e tem actividades que eram antigamente reservadas ao homem. Aliás, esta transformação do estatuto das mulheres ajudou a multiplicar as versões do pai. E não parece que seja possível parar esta evolução, a não ser apostando na morte da espécie.

Isto para dizer que o problema de Portugal de hoje tem pouco a ver com a ausência do pai e os pecados de uma mãe que muitos gostariam que fosse tão pura e virgem como a Nossa Senhora de Fátima.

O que se passa, como dizia José Gil, é que Portugal se tornou há muito o país da «não-inscrição». O que acontece ao país em geral e a cada português em particular não consegue inscrever-se no espaço público e, assim, produzir uma transformação real. Não só os portugueses desprezam cada vez mais a sua língua, como Portugal vai sempre parar à cauda da União Europeia.

Para além da antiga cultura popular, os portugueses mimam normalmente os outros sem conseguirem alcançar uma verdadeira maturidade democrática e criar uma cultura própria. A par do medo e da inveja, a literatura e especialmente a poesia têm dominado os sentimentalismos nacionais porque apenas provocam nas mentes um lirismo sem grandes consequências.

Ama-se em Portugal sem que o objecto de amor se sinta muitas vezes amado; vai-se ao cinema e ao teatro sem nunca falar do que se pensa do espectáculo; lê-se pouco e nunca se discutem os livros e os artigos. Sobretudo vê-se muita televisão, porque a existência ficou praticamente reduzida à televivência.²¹

Neste quadro, não é de admirar que o Zé-povinho não saiba nada de psicanálise, e que a prática desta, que convida à liberdade de expressão, à recordação e elaboração mental, tenha grandes dificuldades em se desenvolver pessoal e institucionalmente.

É sobre esta dificuldade que fiz o meu Seminário desta ano, sempre com os olhos postos num Outro Portugal.

²¹ Para estancar a angústia existencial o português de hoje vai ao ginásio, compra revistas com dietas maravilhosas, fala ao telemóvel, utiliza a Internet, instala câmaras web no seu computador para obter prazeres inéditos, compra seguros de saúde que prometem o bem-estar total, e acaba indo à farmácia fazer as suas compras. Para fazer frente à angústia, as Administrações, das escolas às empresas, instalam protocolos comportamentais profundamente avessos a toda a singularidade. Deste modo, o contemporâneo acabou por se tornar cúmplice do seu próprio controlo. A crença muito divulgada pelos média de que o sofrimento e a felicidade podem ser medidos contribuiu decididamente para o estabelecimento de uma sociedade de avaliação permanente, derivada da substituição do discurso do poder pelo discurso da ciência, logo, apregoada como imparcial, objectiva, neutra e plural